

## OFICINA DE ZINE: proposta de letramento literário e análise da representação do 'analfabeto endinheirado' na literatura brasileira

### ZINE WORKSHOP: literary literacy proposal and an analysis of the 'rich illiterate' in the Brazilian literature

Carla Hellen Torres<sup>1</sup> - IFB  
Maria Eneida Matos da Rosa<sup>2</sup> - IFB  
Jorge Alves Santana<sup>3</sup> - UFG

#### RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar a tipologia de um personagem representado na literatura brasileira em algumas narrativas selecionadas, tendo como pano de fundo o contexto histórico. Dessa forma, movida pelo interesse em refletir acerca da dinâmica de colonização, exploração e subserviência presentes ao longo da história do país e que moldaram a identidade nacional brasileira, surgiu a ideia da produção de oficinas literárias e digitais, à luz dos estudos sobre letramento literário e digital e conceitos apontados por Theodor Adorno sobre a “teoria da semiformação” (2010), de Pierre Bourdieu, sobre “poder simbólico” (2005) e Aníbal Quijano sobre “colonialidade de poder” (2005). Propomos fazer uma pesquisa que se encaixasse no nível da pesquisa-ação crítica, processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos. Por fim, apresentaremos alguns resultados alcançados na oficina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oficina de zine; Letramento literário; Analfabeto endinheirado

#### ABSTRACT

This study aims to analyze the typology of a character presented in some selected stories from the Brazilian literature focusing on the historic context. The idea of literary and digital workshops arose from the interest of reflecting on the dynamic of the colonization period, exploration, and subservience that shaped the Brazilian national identity based on literary and digital literacy studies, Theodor Adorno's “theory of semiculture” (1959), Pierre Bourdieu's “symbolic power” (2005), and Aníbal Quijano's “colonial power” (2005). We propose a critical action research study, which values the cognitive construction of experience based on collective critical thinking seeking the individual's emancipation. Finally, we present some of the findings from the workshop.

**KEYWORDS:** Zine workshop; Literary literacy; Rich illiterate.

DOI: 10.21920/recei720217247590  
<http://dx.doi.org/10.21920/recei720217247590>

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Pedagogia, IFB-São Sebastião e bolsista CNPQ, Edital N° 06/RIFB, de 20 de abril de 2020. E-mail: [carlahellentorres@gmail.com](mailto:carlahellentorres@gmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5399-3884>

<sup>2</sup>Professora Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS). Docente do Instituto Federal de Brasília (IFB) e pesquisadora de pós-doutorado UFG. E-mail: [eneida.rosa@ifb.edu.br](mailto:eneida.rosa@ifb.edu.br) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5041-7259>

<sup>3</sup>Professor Associado IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, orientador e supervisor de pós-doutorado. E-mail: [jorgeufg@bol.com.br](mailto:jorgeufg@bol.com.br) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0645-3700>

## INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte do projeto de pós-doutorado “A representação do ‘analfabeto endinheirado’ na literatura brasileira e a crise da formação cultural em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *São Bernardo* e *Angústia*, de Graciliano Ramos, e o conto “Artes e ofícios”, de Rubem Fonseca”, proposto em 2020 e supervisionado pelo professor Dr. Jorge Alves Santana (Universidade Federal de Goiás - UFG). Apresentou como um de seus objetivos traçar uma espécie de genealogia ou tipologia do personagem destacado, representado no sistema literário nacional nas narrativas anunciadas, movido pelo interesse em analisar a dinâmica de colonização, exploração e subserviência presentes ao longo da história do país e que moldaram a identidade nacional brasileira. Propusemos trabalhar atividades didáticas que chamassem atenção para o tema, “analfabeto endinheirado”, e o seu papel como um dos responsáveis pelo atraso e crise de formação cultural que parece ter se agravado diante da eleição de um governo autoritário e com inclinações fascistas.

Produzimos um projeto paralelo a esse para o edital de iniciação científica intitulado “Oficinas de letramento literário e produção de conteúdo digital: A presença do ‘analfabeto endinheirado’ na literatura brasileira e a crise da formação cultural”, que teve a função de contribuir para a elaboração do plano de trabalho proposto no projeto de estudos pós-doutorais, no intuito de promover discussões a partir da produção de oficinas literárias e digitais em meio virtual e também para a execução da oficina da disciplina optativa criada e ofertada. Foram escolhidas novamente as obras *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos e no final do século XX, o conto “Artes e ofícios”, de Rubem Fonseca, presente na obra *O buraco na parede* (1995). O projeto foi aprovado e contemplado com uma bolsa de iniciação científica do CNPQ, no Edital N° 06/RIFB, de 20 de abril de 2020.

O projeto de iniciação científica colaborou para a execução da primeira parte da pesquisa, no que se refere à elaboração de estratégias de formação e disseminação de atividades que tratassem acerca do tema proposto, a partir da construção da disciplina que tinha o objetivo de promover não só um diálogo com os textos teóricos e as narrativas selecionadas, mas também com outros objetos culturais como filmes, músicas, textos jornalísticos, museus, uma vez que o livro literário não é um campo fechado para as outras artes e mídias. A disciplina teria o papel de contribuir para a ampliação do capital cultural dos discentes envolvidos, uma vez que a partir do contato com as obras do passado, elas teriam a função de se reatualizar através das leituras e produções literárias. Daí pensar na relevância da pesquisa a partir da construção de conteúdos, com estratégias de letramento literário e digital com vistas à reflexão sobre nossa realidade.

Diante dos inúmeros ataques à educação tais como a aprovação da Reforma do Ensino Médio<sup>4</sup>, a imposição de uma Base Nacional Curricular Comum, ou mesmo a aprovação da Emenda Constitucional N° 95, de 15 de dezembro de 2016, que “Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal” e limita os gastos públicos por 20 anos, acabaram por desenhar o cenário trágico atual, que deve ser enfrentado e repensado a partir de estratégias de ensino, sob pena de resumir a prática docente à mecanização e, por conseguinte, o esvaziamento do currículo nas áreas de Ciências Humanas e Sociais. Acredito que trabalhar com conteúdos que promovam reflexão diante do cenário antidemocrático vivido no país, junto com perda de direitos, seja uma justificativa para chamarmos atenção para o ensino e os reflexos do comportamento colonizado do país perante o mundo.

<sup>4</sup> Lei no 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Criei e elaborei a disciplina optativa “Do Letramento literário à pedagogia decolonial: propostas para a crise da formação cultural”, ofertada e ministrada no curso de Pedagogia, do IFB, campus São Sebastião, perfazendo uma carga horária de 40 horas, com a intenção de realizar algumas atividades que começaram com a leitura de textos que tratavam de literatura e letramento digital, textos teóricos que dialogam com o tema da crise da “semicultura e/ou semiformação cultural” e a pedagogia decolonial, produção de conteúdo e material digital, produção de zine e, por fim, refletir sobre os problemas relacionados à crise do ensino e da formação cultural.

Devido à pandemia de COVID 19, o Ministério da Educação publicou a portaria que autorizava instituições de educação superior aulas em meios digitais como substituição às aulas presenciais. A Medida Provisória nº 934/2020 retirou, em caráter excepcional, a obrigação de que se efetivasse a quantidade de dias letivos prevista em lei, desde que cumprida a carga horária mínima exigida. As medidas para a continuidade e término do semestre, impactaram, contudo, nas discussões dos textos de estudo que foram reduzidos e adaptados ao calendário acadêmico.

A turma da disciplina optativa apresentou poucos alunos participantes, perfazendo até o final das aulas um total de 11 alunos frequentes, tendo em vista que os discentes do 2º e 4º semestres do curso de licenciatura em Pedagogia poderiam optar por participar de uma disciplina dentre as 4 ofertadas no 2º semestre letivo de 2020, que iniciou em dezembro de 2020 e se estendeu até o final de março de 2021, conforme a reorganização do calendário escolar.

A metodologia inicialmente proposta envolvia o estudo bibliográfico sobre escritores e obras selecionados, compondo a pesquisa qualitativa. Todavia, com o início da elaboração das atividades, conteúdos produzidos no *Canva*, vídeos inseridos no canal da docente no *YouTube* e o produto final, Zine, foi possível verificarmos que estava se encaminhando para a pesquisa-ação crítica. Segundo Maria Amélia Franco (2017, p. 485), esse tipo de pesquisa “decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos (...)”, tem se utilizado da conceituação de pesquisa-ação crítica e visa o caráter formativo. Para Franco (2017, p. 486), essa proposta metodológica “considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação”.

David Tripp (2005, p. 447) define ainda a pesquisa-ação como “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”, e, por esse motivo, acrescenta “que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.)” (TRIPP, 2005, p. 447). A questão é que a pesquisa-ação requer ação tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica.

O presente artigo se organizou de forma a apresentar as etapas do trabalho realizado na própria disciplina, a começar pela revisão teórica, em seguida a análise das obras selecionadas, organização e etapas realizadas na oficina e, por último, a apresentação dos resultados, no caso específico, os produtos desenvolvidos pelos participantes.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E ETAPAS DO PLANO DE TRABALHO

Na disciplina "Do Letramento literário à pedagogia decolonial: propostas para a crise da formação cultural", ministrada no curso de Pedagogia, foi possível organizar uma ementa que abrigasse os conteúdos dentro de uma carga horária de 40 horas, com um total de 20 encontros (síncronos e assíncronos), destacando que teríamos pouco tempo para trabalhar a quantidade de textos escolhidos. Os conteúdos foram organizados de modo a atender os estudos sobre letramento literário a partir de obras da literatura brasileira previamente selecionadas. Em seguida introduzi os textos teóricos de estudiosos como Theodor Adorno, Pierre Bourdieu e Aníbal Quijano que traziam conceitos importantes para a identificação e análise do personagem. Assim, a disciplina foi organizada a partir de uma construção teórica para a ampliação não só do arcabouço teórico, mas com o intuito de ampliar o vocabulário de terminologias que deveriam ser compreendidas para depois serem retomadas no produto final.

As discussões teóricas iniciaram com a necessidade de identificarmos o conceito de letramento literário e, por esse motivo, fizemos uso do texto "Letramento literário: uma proposta para a sala de aula" (2011), de Renata Junqueira e Rildo Cosson, que chama atenção justamente para conceitos como "letramento", "letramento literário" e "letramento literário em sala de aula". Sobre o termo "letramento", asseveram que a expressão vai muito além do saber ler e escrever, sendo algo que permeia a nossa existência, e necessita da participação mediada pela escola para se concretizar.

Em seguida, partimos para o ensaio "Teoria da Semiformação", (a primeira versão traduzida do ensaio, em 1996, teve como título "Teoria da Semicultura") proposto e elaborado por Theodor Adorno em 1959. Nele, o estudioso se dedica a analisar a crise de formação cultural que, para ele, atinge todos os estratos sociais, até mesmo o de pessoas consideradas cultas e vai muito além "das insuficiências do sistema e dos métodos da educação" (ADORNO, 2010, p. 08).

Apesar da dificuldade de leitura do texto, que possui muitas referências teóricas e contextuais próximas do autor e que exigia um certo conhecimento prévio por parte das alunas, foi possível constatar aspectos relacionados à crise da semicultura, que também nos parece estar presente até hoje. Adorno apresenta como se deu a semiformação desde o século XVII com o advento da burguesia e como a classe trabalhadora ficou de fora de uma formação educacional que fosse reflexiva e subjetiva, uma vez que a exploração impedia que o proletariado tivesse acesso aos bens culturais. Para ele, a semiformação deveria ser compreendida por meio da sua ampliação histórica da cultura que surgiu a partir da burguesia.

Apresenta exemplos de semiformação produzidos pela indústria cultural como "biografias romanceadas, que informam sobre os fatos culturais mesclados a identificações baratas e vazias, ou o resumo de ciências inteiras, como a arqueologia ou a bacteriologia, adulteradas com impressionante cinismo", para ilustrar o que seria, nas suas palavras uma espécie de convencimento para o leitor de que estaria consciente ou informado: "A atitude em que se reúnem a semicultura e o narcisismo coletivo é a de dispor, intervir, adotar ares de informados, de estar a par de tudo" (ADORNO, 2010, p. 32).

Segundo Adorno (2010, p. 09), "[a] formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada", fazendo com que a consciência fique presa a elementos culturais aprovados. Acreditava ser possível existirem grupos, graças à sua consciência de classe, que não tenham caído nas malhas da semiformação, mas não tiveram força para se estabelecer de forma representativa e lutar contra o sistema e a 'cultura' encomendada.

Interessante notar um ponto que chama muito a atenção no ensaio, devido a sua atualidade, refere-se ao exemplo de comportamento observado por Max Frisch (2010, p. 10) de que

“mesmo em pessoas que se dedicavam com paixão e compreensão aos bens culturais, e, no entanto, puderam encarregar-se tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo”, vide nazismo, de modo que reforça o fato de que a educação e a própria cultura, devido a sua formação sem necessidade de uma educação mais reflexiva crítica e humana, não impediriam outros episódios semelhantes.

Partimos do conceito proposto por Adorno, no intuito de verificar alguns efeitos provocados pela ascensão do capital no Brasil com grupos sociais que ascenderam economicamente, sobretudo os que pertenciam às camadas mais baixas, na maioria das vezes, por meio de troca de favores e exploração, promovendo a manutenção de ideias conservadoras, escravocratas, racistas, elitistas e autoritárias, que acabaram por colaborar para o avanço do fascismo no século XXI. Por isso, trouxemos o conceito para a realidade do Brasil, onde se torna mais evidente nossa crise na formação cultural, principalmente, por pertencermos à América Latina e sermos vistos e tratados como periferia do mundo.

Em seguida, como parte da bibliografia pertencente à disciplina, foi solicitada a leitura do primeiro capítulo da obra *O poder simbólico* (2005), de Pierre Bourdieu intitulado "Sobre o poder simbólico". Ao discutir sobre sistemas simbólicos, Bourdieu define-os e resume em "língua, arte, mitos, ciências". O estudioso elabora uma primeira síntese que se resume ao fato de a cultura dominante propagar conhecimentos da classe dominante.

Para ele, há uma espécie de “poder invisível” que acaba por se tornar real quando as classes subalternas se assujeitam diante desse poder. Para ele, “a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (...); para a distinção fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas” (BOURDIEU, 2005, p. 10), reforçando a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções, as quais destaca como hierarquias e para a legitimação dessas distinções.

Durante a segunda síntese do autor, foi possível perceber a construção acerca do conceito de "violência simbólica" que consiste na dominação através do status, poder, de forma que existam os dominadores e os dominados (pensamento que toma de empréstimo de Max Weber, "de domesticação de uma classe sobre a outra"). Bourdieu promove paralelos entre seu texto e de outros estudiosos e destaca as semelhanças com o pensamento de Durkheim. A segunda síntese trata também acerca desse efeito ideológico produzido pela cultura dominante que une e ao mesmo tempo separa todas as culturas e, em seguida, legitima, pois as distinções se definem pelo seu distanciamento.

É importante mencionar outro aspecto reforçado por Bourdieu, que vai além da leitura do primeiro capítulo proposto no cronograma, mas contribui para a análise da tipologia do personagem. Para ele, o poder e/ou capital simbólico “não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição”, isto é, “quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio” (BOURDIEU, 2005, p. 145). Isso significa que o poder simbólico para existir precisa do reconhecimento de algum grupo para ser legitimado, mesmo que para isso seja necessário outro tipo de força para a produção do senso comum, seja por meio do insulto, “*ídiologo*” (p. 146), seja pela “nomeação oficial”, (p. 146) reforçado por meio de um agente representante do Estado, “detentor do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 2005, p. 146), para quando surgir o momento ‘oportuno’, impor à força sua visão.

O último texto lido e discutido foi "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina" (2005), do estudioso peruano Aníbal Quijano. Nele, Quijano tem o objetivo de colocar questões teoricamente necessárias sobre os efeitos da colonialidade do poder em relação à história da América Latina. Apresenta inicialmente a ideia que se estabeleceu como padrão de poder dentro da modernidade, isto é, o conceito de ‘raça’, que supostamente distinguia

colonizadores de colonizados e demonstrou ser o mais eficaz e duradouro instrumento de dominação e o principal elemento constitutivo, fundacional das relações de dominação.

Junto com esse conceito destaca a articulação histórica de controle do trabalho em torno do capital mundial. Assevera que "todas as formas de controle e de exploração do trabalho foram articuladas em torno da relação capital - salário e do mercado mundial" (QUIJANO, 2005, p. 108). Houve, então, uma associação estrutural entre raça e divisão de trabalho e, por conseguinte, impôs-se uma sistemática divisão racial do trabalho.

Acusa a Europa de atribuir novas identidades geoculturais e incorporar diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo. Assim, define que todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais se articularam em torno da hegemonia europeia ou ocidental (QUIJANO, 2005, p. 110). A Europa concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e sobretudo, da produção de conhecimento. Os conceitos formulados por Quijano são relevantes para a compreensão de que a construção identitária da América Latina, como um todo, sempre esteve atrelada a uma estrutura de dominação e apagamento da cultura, de tal modo que as formas de dominação se estendiam até na escolha de obras literárias e/ou teóricas de estudiosos europeus.

Isso significa afirmar que nossa cultura sempre esteve presa a conceitos urdidos lá fora e que contribuíram para a manutenção de nosso lugar como periferia do mundo. Daí o interesse na pesquisa em incluir um teórico latino-americano que trata do processo de apagamento de nossa cultura e subserviência aos países colonizadores do Hemisfério Norte, pois parece ser um dos principais motivos para termos figuras desaparecidas à identidade e à construção cultural do país.

## **BREVES APONTAMENTOS SOBRE O PERSONAGEM ANALFABETO ENDINHEIRADO NAS OBRAS E O PERCURSO DA OFICINA DE ZINE**

Após a reflexão acerca dos textos teóricos, partimos para a discussão de objetos culturais (e/ou gêneros textuais), tais como artigos, notícias e músicas que retratassem o personagem que deveria ser reproduzido nos zines e tivemos também breves momentos de leitura e troca acerca das obras que serviram de objeto de análise e reconstrução das narrativas. A produção dos conteúdos foi pensada e construída de forma colaborativa pela professora orientadora e pela aluna bolsista, que contribuíram para a produção de gêneros textuais tais como fichamentos, resenhas e mapa mental que tratavam dos textos teóricos discutidos em aula e serviram de modelos para as discentes matriculadas na disciplina.

Na disciplina, promovemos um momento 'roda de leitura', que se deteve apenas na leitura coletiva de *O cortiço*, pois não teríamos muitos encontros para ler e aprofundar todas as obras. O incentivo ao letramento literário iniciou com a leitura mediada pela docente que destacou, no primeiro capítulo, a apresentação de figuras importantes além de João Romão, personagem que se presta ao perfil analisado. A primeira delas é Bertoleza, negra e escravizada, que servirá de objeto para a ascensão do personagem; e, posteriormente, Miranda, o outro imigrante português, cujo poder simbólico reside nos títulos de nobreza que o vizinho não detinha e ambicionava ter.

Foi solicitado que os discentes prestassem atenção no comportamento de João Romão e a forma que ele tratava a escrava, que também assume outros papéis, ou melhor, ofícios, ao longo da narrativa. A partir do momento que os discentes leem e constatarem os artifícios utilizados pelo personagem, é que nos parece possível solicitar a mesma leitura reflexiva das outras obras e que

observassem as ações dos personagens masculinos: João Romão, Paulo Honório e Tomás Antônio, seguindo a cronologia das obras selecionadas.

N' *O cortiço* (1890), temos a representação do único personagem que consegue ascender economicamente explorando o trabalho dos miseráveis, composto por ex-escravos e imigrantes pobres e acresce ao seu sonho de expansão o desejo ardoroso por títulos, que o inserissem no seio da sociedade frequentadora dos salões nobres e nos espaços da política. João Romão parece ser a personificação do 'analfabeto endinheirado', mesmo sendo imigrante português, com o adendo de que não tenciona voltar ao seu país, ou seja, o desejo por enriquecer promove o 'apego' ao novo solo pátrio.

João Romão aparece, inicialmente, na narrativa representado como um trabalhador explorado e precarizado, pois trabalhou desde os treze aos vinte anos sendo explorado pelo patrão português. Mas a partir do momento que recebe alguns proventos, e a própria venda desse patrão que evade para Portugal, repete o mesmo perfil para ascender. O processo de exploração começa com a 'união' dele, estrangeiro, com a negra Bertoleza, que era escrava e vivia amigada com outro português explorador que falece. Bertoleza, antes de se unir ao português, "torna-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula" (AZEVEDO, 1996, p. 02), pois ela lhe confia a guarda de suas economias. O relacionamento é 'selado', quando Romão lhe oferece 'proteção' e se aproveita de suas economias para melhorar a casa e a venda e explorar sua força de trabalho.

A relação baseada na noção de exploração, pode ser vislumbrada nas palavras de Quijano (2005), que parte do conceito de raça atrelado à exploração a partir da relação capital versus trabalho. Para ele, estabeleceu-se como padrão de poder da modernidade o conceito de raça que supostamente distinguia colonizadores de colonizados e "se tornou o principal elemento constitutivo fundacional das relações de dominação". A narrativa chancela a exploração via questão racial ao retratar o relacionamento de Bertoleza e João Romão, pois ela manifesta contentamento em trocar um português por outro e não ser obrigada a se relacionar com um negro.

João Romão, após a "aquisição da crioula" (AZEVEDO, 1996, p. 04), começa a expandir seus negócios às custas de furtos de obras e dos próprios clientes na venda e na exploração da mão de obra da companheira e na construção do cortiço: "Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, (...)" (p. 05). Daí o interesse do vendeiro em se unir à filha de outro português, Miranda, e adquirir, via matrimônio, algum título de nobreza que o desvinculasse do seu passado: "Desde que o vizinho surgiu com o baronato, o vendeiro transformava-se por dentro e por fora a causar pasmo. Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda, a ler jornais." (p. 101).

É possível observar a ascensão econômica e social de uma figura que explora as classes baixas com os métodos mais torpes e cruéis, mas que vivia e convivia próximo a essa 'gente' e mantinha hábitos semelhantes, já que ele próprio fora explorado no passado. Contudo, havia a necessidade de uma aliança matrimonial movida por interesses que o retirasse, ao menos simbolicamente, desse convívio e o 'higienizasse' do contato com os pobres. O personagem, ao casar-se com uma pessoa oriunda de uma classe detentora de títulos, conseguiria o espaço privilegiado que o inseriria na alta sociedade da época. Assim, a figura feminina serve como um elemento utilitário, ou contribui para o homem conquistar o seu capital simbólico, ou serve de mero passaporte para frequentar espaços nobres e de privilégios.

Na narrativa seguinte, *São Bernardo* (1975), de Graciliano Ramos, também vamos encontrar uma figura que representa o ‘analfabeto endinheirado’, haja vista que a composição do protagonista, Paulo Honório, também perfaz o perfil de alguém que ascendeu de uma classe mais baixa ao fazer uso de artifícios baixos para enriquecer e tentava obter capital cultural a partir do matrimônio.

Após a aquisição e expansão da fazenda São Bernardo, obtidos por meios lícitos e ilícitos e uso excessivo de violência, Paulo Honório revela não só uma vontade de conquistar e manter suas posses materiais, mas decide que estava na hora de ‘possuir’ uma mulher que fosse adequada às suas ambições, recaindo novamente na objetificação da mulher.

Chamamos a atenção para a dificuldade de Paulo Honório no trato com o gênero feminino. O narrador-personagem descreve as mulheres com quem se relacionou, incluindo a esposa do empregado, tratado com violência e desprezo por ele, como seres inferiores e, em seguida, revela qual seria o seu tipo ou a ‘função’ ideal dessa mulher (ROSA, 2019, p. 165): “A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas, eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo” (p. 54).

Paulo Honório, após conhecer Madalena, apesar dela se revelar o oposto do que idealizava fisicamente, casa-se, numa tratativa que se assemelha a um negócio, supostamente vantajoso para ambos: “- O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?” (RAMOS, 1975, p. 82).

O protagonista deseja parasitar a partir do capital cultural da futura esposa, que era professora e, ao mesmo tempo, há interesse em humilhar figuras que possuíssem o mínimo de capital cultural como o professor Luiz Padilha, antigo proprietário da fazenda, que sofre constantes humilhações. Parece possível fazermos um paralelo entre a força do Estado e sua relação com a educação, uma vez que a figura do professor sempre representou uma ameaça por apresentar o capital simbólico que possa ser repassado à sociedade e assim impedir o avanço do autoritarismo e das injustiças sociais, por isso, até hoje, persiste o desejo de aniquilar e humilhar os representantes dessa classe trabalhadora.

Temos, no final do século XX, o conto fonsequiano “Artes e ofícios”, publicado em 1995, que apresenta, por meio de uma metalinguagem sobre o ato de escrever, o personagem endinheirado que aparenta possuir tudo o que deseja, menos capital cultural. Se João Romão casa-se com a filha de um membro de uma nobreza decadente para adquirir ‘títulos’, Tomás Antônio repete, de certa forma, esse destino, mas percebe que mesmo casado com uma “esposa de boa família, arruinada e cheia de diplomas” (FONSECA, 1994, p. 73) e acreditar que o dinheiro lhe proporcionara privilégios, incomodava-se por ser visto como um ‘cavaladura’, isto é, por não ter nenhuma formação: “Isso tem sido uma preocupação para mim, a única que o dinheiro não solucionou. Se você é rico e não tem diploma, as pessoas acham que você é burro” (p. 74).

Além de ser visto como ‘cavaladura’, possui os atributos que o aproximam do perfil de ‘analfabeto endinheirado’: “...dizem de mim que sou cínico, misógino, hedonista, consumista. Misógino? Eu não desprezo as mulheres, não lhes tenho aversão” (p. 77). Afirma não ser misógino, significado que não compreende, mas escolheu a esposa em virtude de seus ‘títulos’, a amante, Gisela, pelos atributos físicos e a trocou por outra, a escritora *ghostwriter*, quando deixou de ser útil ou passou a ser ‘chata’: “Esqueci de dizer que amantes são para se ver de vez em quando. Senão elas ficam chatas igual às esposas.” (p. 78)

É possível acrescentar ainda a objetificação da mulher, já que as trata como um mero pedaço de carne: “Estou cheio de dentes que não caem nem ficam cariados, mas quando dou uma gargalhada na frente do espelho sinto saudade da boca antiga (...). De qualquer forma, não me faltam dentes e posso morder com força as mulheres e os contrafilés” (p. 73).

A forma como o personagem se vê apequenado perante a sociedade culta ou ‘os ricos antigos’, mesmo possuindo os privilégios do poder econômico, vai ao encontro do que Bourdieu destaca como o poder simbólico, ou seja, o poder que para se firmar, deve ser chancelado e reconhecido por uma parcela da sociedade. O personagem, ao casar-se com uma pessoa de uma classe detentora de títulos e tradição, satisfaz-se em parte. Bourdieu esclarece que “o nobre não é somente aquele que é conhecido, célebre, e mesmo conhecido como bem, prestigioso, em resumo *nobilis*. Ele é também aquele que é reconhecido por uma instância oficial, universal, quer dizer, conhecido e reconhecido por todos” (BOURDIEU, 2005, p. 148).

Tomás Antônio carece de capital cultural que o inserisse nesse corpo social. Por esse motivo, surgiu o interesse em escrever obras literárias e procurar os serviços de um *ghostwriter* para supostamente adquirir tal competência que não detinha. Para Bourdieu (2005, p. 148-149),

O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal (e não apenas legítimo). Cada vez mais indissociável do título escolar, visto que o sistema escolar tende cada vez mais a representar a última e única garantia de todos os títulos profissionais, ele tem em si mesmo um valor e, se bem que se trate de um nome comum, funciona à maneira de um grande nome (nome de grande família ou nome próprio), conferindo a todas as espécie de ganhos simbólicos (e dos bens que não é possível adquirir diretamente com a moeda).

O narrador ironiza o protagonista, ao recriar dentro da narrativa escrita pela *ghostwriter* a história falsa da vida de Tomás Antônio, intitulada “O falsário”. Há uma espécie de *mise-en-abyme*, isto é, uma história que esconde outra história, cuja suposta história é falsa para forjar uma realidade não vivida pelo protagonista, mas pelo escritor Machado de Assis, escritor que ele gostaria que inspirasse a sua ‘obra’. Em seguida, ironiza a ignorância de Tomás Antônio, que possui capital econômico para pagar por uma história, mas não para reconhecer a biografia do escritor que ele gostaria de supostamente copiar na escrita:

(...) Meu personagem, o falsário, está forjando um livro de memórias, uma autobiografia. Ele é um especialista meticuloso, durante meses exercitou-se a imitar a letra do sujeito a quem atribuirá a autoria do documento que está falsificando (...) Nasci e fui criado no morro do Livramento, no Rio de Janeiro. Minha mãe morreu quando eu era criança. Meu pai se casou novamente, mas morreu dois anos após o casamento. Fui criado pela minha madrasta, que era lavadeira. Criado pela madrasta lavadeira? (...) A história não era novidade, acho que já li coisa parecida (FONSECA, 1995, p. 77).

Interessante retomar as ponderações de Adorno (2010), que trata de dois temas importantes para o descortinar da análise do personagem escolhido, que diz respeito ao status e o conseqüente prestígio de uma formação cultural. Para ele, “a perene sociedade do status absorve os restos da formação e os transforma em símbolos daquele”. Na verdade, pontua, “o

status nunca esteve alheio à formação burguesa” (p. 25). Só sob a proteção dos muros desses privilégios podiam pôr-se em ação aquelas forças humanas que, voltadas para a prática, inaugurassem uma situação sem privilégios. Esclarece que a “semiformação”, que faz parte do processo de semicultura “é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (p. 25).

Aliada à análise das obras, pensamos nas estratégias de reflexão acerca dos contextos políticos, econômico e cultural do país, a partir da elaboração da disciplina que promovesse o letramento literário e digital dos participantes envolvidos a partir da metodologia da pesquisa-ação, mas também por meio da análise e construção do perfil do ‘analfabeto endinheirado’.

É importante destacar que todos os protagonistas se revelaram exploradores, tanto da classe trabalhadora, quanto das mulheres com as quais se envolveram. Se é evidente a exploração da mão de obra, muitas vezes com o uso de violência, salta aos olhos os abusos e o comportamento machista e misógino perseguido por todos. A mulher sempre vai ter a função de servir aos seus interesses, seja como doméstica/trabalhadora, amante ou esposa com acesso à educação ou detentora de títulos que os aproximariam do capital cultural que nunca tiveram.

### **OFICINA DE ZINE: letramento literário e digital na sala de aula**

Após a reflexão sobre os textos teóricos, partimos para a discussão e análise dos objetos culturais (e/ou gêneros textuais), tais como artigos, notícias, músicas que retratassem figuras semelhantes ao personagem, vislumbrados no momento de leitura prévia, na roda de leitura. Assim, o envolvimento com vários gêneros textuais se configuraria no passo inicial da oficina, sem contar os momentos introdutórios de leituras dos textos literários e de apoio. Enviamos antes da oficina de Zine uma coletânea de artigos, notícias, blogues, tirinhas, que contemplavam o tema e faziam parte do material produzido em formato de roteiro/cronograma de atividades do semestre. Em seguida, apresentamos as etapas realizadas para a produção do zine.

**1ª etapa/Introdução** - momento de preparação e que antecede a apresentação da oficina:

FIGURA 1 - Material didático produzido pela docente na plataforma Canva

DO LETRAMENTO LITERÁRIO À PEDAGOGIA DECOLONIAL

27/01/2021: Oficina de zine e memes – Encontro síncrono

Observe as **sugestões** a seguir, temos vários gêneros textuais. Você consegue perceber que todas tratam de temas comuns à nossa realidade?

**Notícia**



**Artigo de opinião**

**Procurando Doria. O charme indiscreto da burguesia e sua cafonice antinacional.**

"O complexo narcísico-altruísta da burguesia brasileira, pelo qual se porta como modelo de brasilidade a ser seguido, visando à sua legitimação junto ao povo, revela-se, na prática, como uma identidade de classe baseada na cafonice sistemática e antinacional até a medula".

Link: <https://medium.com/@tiagoiratton/procurando-doria-1c4733ebf53c>, Acesso em 01/01/2021




ROTEIRO DE ESTUDOS E CRONOGRAMA | 6

DO LETRAMENTO LITERÁRIO À PEDAGOGIA DECOLONIAL

27/01/2021: Oficina de zine e memes – Encontro síncrono

**POESIA**

**O HOMEM: AS VIAGENS**

O homem, bicho da Terra tão pequeno  
Chateia-se na Terra  
Lugar de muita miséria e pouca diversão,  
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
Toca para a Lua  
Desce cauteloso na Lua  
Pisa na Lua  
Planta bandeira na Lua  
Experimenta a Lua  
Coloniza a Lua  
Civiliza a Lua  
Humaniza a Lua.  
Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.  
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
Pisa em Marte  
Experimenta  
Coloniza  
Civiliza  
Humaniza Marte com engenho e arte.  
Marte humanizado, que lugar quadrado  
Vamos a outra parte?  
Claro – diz o engenho  
Sofisticado e dócil.

Vamos a Vênus  
O homem põe o pé em Vênus.  
Vê o visto – é isto?  
Idem  
Idem  
Idem.  
O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
Proclamar justiça junto com injustiça  
Repetir a fossa  
Repetir o inquieto  
Repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
Só para tever?

Não-vê que ele inventa  
Roupa insidável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
Mas que chato é o Sol, falso touro  
Espanhol domado,  
Testam outros sistemas fora  
Do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
Só resta ao homem  
(Estará equipado?)  
A difícilíssima e perigosíssima viagem  
De si a si mesmo:  
Pôr o pé no chão  
Do seu coração  
Experimentar, colonizar, civilizar

Do seu coração  
Experimentar, colonizar, civilizar  
Humanizar o homem  
Descobrimo em suas próprias  
inexploradas entranhas  
A perene, insuspeitada alegria de  
con-viver.

A palavra mágica. Rio de Janeiro: Record,  
2001, p. 81-83.  
Carlos Drummond de Andrade




ROTEIRO DE ESTUDOS E CRONOGRAMA | 7

Fonte: Elaborado pelos autores.

**2ª etapa/Leitura e compartilhamento de citações** - momento que também antecede a apresentação da oficina. Um aspecto importante a mencionar e que também é necessário que seja feito antes da oficina, pois é o momento no qual os grupos, após lerem as obras, inserem no mural construído previamente, as citações que mais lhes chamaram a atenção nas obras (literárias e teóricas). As citações serão utilizadas na produção do Zine:

FIGURA 2 - Mural preenchido e construído pela docente e discentes matriculados da disciplina, na extensão do Google, Jamboard

"Reformas pedagógicas isoladas não trazem contribuições substanciais, pois podem revelar "uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extra pedagógica exerce sobre eles" (ADORNO, 1959). Profa. Eneida

Desde que o vizinho surgiu com o baronato, o vendeiro transformava-se por dentro e por fora a causar pânico. Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda, a ler jornais... Já não era o mesmo lambuzão! (AZEVEDO, A. O cortiço, p. 100/101) Profa. Eneida.

"O comunismo é a miséria, a desorganização da sociedade, a fome." (RAMOS, G. São Bernardo, p.95) - Louislene Koch

"não basta notar que as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes envolvidos nessas relações" (BOURDIEU, O poder simbólico. P. 11) Hellen Torres.

"Não se lembrava quando fora a última vez que estava sozinha consigo mesma. Talvez nunca. Sempre era ela - com outros, e nesses outros ela se refletia e os outros refletiam-se nela." (LISPECTOR, Clarisse. A bela e a fera. p. 95) Hellen Torres

"Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos? Esses homens de governo têm um parafuso frouxo. Metam pessoal letrado na apanha da mamona. Hão de ver a colheita." (RAMOS, Graciliano. São Bernardo p. 28) Sabrina Alcântara

"Os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos." (RAMOS, Graciliano. São Bernardo p. 109) Sabrina Alcântara

"Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem póe. Conheço o meu manual de zootecnia" (RAMOS, Graciliano. São Bernardo p. 52) Sabrina Alcântara

"O governador se contentaria se a escola produzisse alguns indivíduos capazes de tirar o título de eleitor" (RAMOS, G. São Bernardo, p.85) - Louislene Koch

"Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia." (RAMOS, G. São Bernardo, p.8) - Louislene Koch



"Vaidade. Professorinhas de primeiras letras a escola normal fabricava às duzias." (RAMOS, G. São Bernardo. p.85) - Louislene Koch

"Mulheres quase nunca se defendem." (RAMOS, G. São Bernardo, p.34) - Louislene Koch

"E os pretos não sabiam que eram pretos, e os brancos não sabiam que eram brancos" (RAMOS, G. São Bernardo, p.29" - Louislene Koch

"E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos." (RAMOS, G. São Bernardo, p.140" - Louislene Koch

"Não gosto de mulheres sabidas." (RAMOS, G. São Bernardo, p.100) - Louislene Koch

"Mulher é um bicho difícil de governar." (RAMOS, G. São Bernardo, p.43) - Louislene Koch



imagem disponível em: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/pessoa-com-dificuldade-e-perguntas-nos-estudos-5428833/>

"Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua." (AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. p. 3) - Amanda Silva

"Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel triplice de caixeiro, de criada e de amante." (AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. p. 3) - Amanda Silva

"Desgraçadamente para nós, mulheres de sociedade, não podemos viver sem esposo, quando somos casadas; de forma que tenho de aturar o que me caiu em sorte, quer goste dele quer não goste!" (AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. p. 15) - Amanda Silva

"Dinheiro sendo gasto prodigamente com uma mulher é a mais impressionante exibição de poder que um homem pode fazer para ela. O pródigo exprime para a mulher beneficiária do seu esbanjamento o mesmo poder venerável que o sequestrador, o torturador e o carrasco representam para as suas vítimas" (Fonseca, Rubem. O buraco na parede. p.5-6) -Débora de Sena.

"Mas então do que adianta você ter a melhor mansão e a melhor cozinha, e os melhores dentes e as melhores roupas, e os melhores quadros na parede se não for para mostrar para os outros? Os invejosos que fiquem verdes de desgosto e se fritem na sua mágoa." (FONSECA, Rubem. O buraco na parede. p.3) - Débora de Sena

"Teve vontade de gritar para o mundo: "Eu não sou ruim! Sou um produto nem sei de quê, como saber dessa miséria de alma." (LISPECTOR, Clarice. A bela e a fera. p.102) -Débora S.



Fonte: Elaborado pelos autores.

**3º passo/Apresentação da oficina:** No dia da oficina procuramos chamar atenção para a expressão e os conceitos relacionados ao gênero textual, Zine. Retirei do blog “Chá de autoestima” algumas informações sobre esse gênero textual, que pode abrigar em sua produção o diálogo com vários gêneros textuais, ou simplesmente um único geral, como uma poesia ou uma música, por exemplo. Segundo o blog “Chá de autoestima”, quem produz esse tipo de texto, pode expressar suas ideias e pensamentos sem restrições. O blog traz um resgate histórico, ao pontuar que o Zine nasceu nos Estados Unidos nos anos 30, e os poetas usavam o material para divulgar suas poesias. Já outros afirmam que o fanzine mais próximo do formato como conhecemos hoje, surgiu no final da década 70, junto com o movimento punk na Inglaterra. Destacam ainda que os Fanzines viraram a imprensa alternativa, a solução para uma minoria se manifestar e espalhar por aí uma ideia, um conceito, que estava longe da mídia *mainstream*.

O segundo blog consultado, “aestranhamente.com”, além de explicar o conceito de Zine destacou que o termo veio de fanzine, aglutinação de *fan* magazine, ou ainda “revista de fãs”. Tornou-se popular como um meio de divulgação de trabalhos artísticos, literários, musicais ou de qualquer outro tipo de cultura. No blog, o post sobre o gênero textual, Zine, foi publicado em 03 de março de 2020, antes do início da pandemia e todas as sugestões trazidas apresentavam materiais produzidos em papel, a maioria em folha de papel A4, modelos que seguiam à risca a proposta de popularizar os textos, pois a produção nos seus primórdios era artesanal e reproduzida em máquinas de fotocópias e vendidos a preços acessíveis ou simplesmente distribuídos.

**4º passo/Montagem: construção do boneco:** Para a montagem do zine, partimos do pressuposto de que eles poderiam construir aos poucos e produzir primeiramente o ‘boneco’ do Zine, isto é, o esboço da obra, a partir das frases de efeito, citações previamente inseridas no Jamboard. Criar e/ou destacar as ‘fans frases’ ajudaria na elaboração da narrativa e também os motivaria a começar.

Após a montagem do boneco, eles partiram para a elaboração do produto. Na apresentação da oficina sugeri algumas plataformas como *canva* ou *flipsnack*, que tinham *templates* próprios para estimular a criação, sendo que o *flipsnack* já possui o *layout* específico para a produção de Zine digital. Caso apresentassem alguma dificuldade para acessar as plataformas, poderiam aderir ao próprio Word ou Power point e, diante de alguma dificuldade tecnológica, ainda teriam a possibilidade de fazer colagens, tirar fotos e postar no Google Sala de aula.

**5º passo/Seleção de gêneros textuais e produção:** Em relação a esse último passo, apresentamos na oficina a estrutura básica de produção que deveria ser a mesma de qualquer narrativa ficcional: 1. Tema; 2. Título de sua preferência; 3 Introdução; 4. Desenvolvimento; 5. Conclusão e, por fim, se possível, a distribuição (via plataformas digitais devido ao contexto da pandemia ou em materiais físicos impressos quando for possível), com o adendo de que tínhamos um tema prévio que deveria ser seguido.

**Proposta de Atividade avaliativa final:** Após a leitura, discussão e análise das obras, os grupos deveriam desconstruir e trazer o final modificado nas narrativas, no sentido que se voltassem para uma possível redenção das personagens femininas oprimidas pelas figuras masculinas, ‘analfabetos endinheirados’.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos percalços que ocorreram ao longo do semestre, tais como a evasão, o contexto pandêmico, o cronograma apertado em virtude da adaptação do calendário escolar, acreditamos que os pontos positivos predominaram. A começar pelo fato de que tivemos 4 produtos muito interessantes entregues pelos discentes participantes, que, após o fim do semestre, iremos revisar e enviar o material para publicação. Acreditamos ainda que o letramento literário e digital existiu a contento e os participantes conseguiram promover diálogos entre as obras e vários gêneros textuais que chamassem atenção para o tema.

Dois Zines trataram sobre a obra *O Cortiço*, de Aluizio de Azevedo que criaram finais redentores para as personagens femininas. Um deles, intitulado “Vingança de Bertoleza”, promoveu a união de duas personagens femininas, Bertoleza e Zulmirinha, num projeto de vingança que deixaria João Romão na miséria. A autora trouxe charges ilustrando a exploração da mão de obra do trabalhador e fez uma analogia entre Bertoleza e a moça Madalena, encontrada em situação análoga à escravidão no ano de 2020. O outro Zine, intitulado “Acabou a mamata”, promoveu a redenção feminina, mas criou uma revolta popular contra o vendeiro explorador e o sistema, pois procuraram cotejar com a realidade atual, perda de direitos e trazer citações de textos teóricos trabalhados em aula.

O Zine que dialogou com a obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, descreveu a figura de Madalena como uma mulher que conseguiu se libertar das amarras e abusos do marido, ele acaba morrendo e ela transforma a fazenda num lugar de acolhimento e espaço para a produção da agricultura familiar. É importante chamar atenção para as ponderações desse grupo, que confessou apresentar dificuldades em elaborar um final redentor para Madalena, mas um dos participantes destacou no dia da apresentação dos trabalhos, que, sem a marca da redenção, não haveria como lutar contra o sistema, trazendo as palavras do professor Sílvio de Almeida, em sua obra *Racismo estrutural*.

Por último, tivemos a união dos contos “Artes e ofícios” (1995), de Rubem Fonseca e o conto “A bela e a fera ou a ferida é grande demais” (1977), de Clarice Lispector. A obra se direcionou para a abertura de consciência e reflexão das personagens femininas que se unem contra os maridos opressores e analfabetos endinheirados. Trouxeram textos jornalísticos que trataram da objetificação das mulheres e um que chamou atenção para a alienação e futilidade dos endinheirados na figura de Bia Dória, esposa de João Dória e primeira-dama do estado de São Paulo, afirmando que não se deve doar marmitas aos pobres por ser um atrativo para eles permanecerem nas ruas.

Partindo, pois, da ideia de que nossos discentes deixariam de ser, dentro dessa cadeia própria do sistema literária, o mero leitor, para passar a ser o leitor reflexivo e produtor de um novo texto, acreditamos que as leituras e principalmente o envolvimento dos discentes na disciplina, contribuíram para a construção de um perfil acadêmico profissional de um sujeito, que não pode ser resumido apenas pela ação de um indivíduo “docente-leitor”, mas no surgimento do docente em formação, leitor crítico, produtor de narrativas e com uma visão de mundo mais ampliada e movida por um novo interesse pela literatura.

Por acreditar no potencial de reflexão crítica sobre a análise do ‘analfabeto endinheirado’ e a crise de formação verificada, é inevitável destacar que a metodologia da pesquisa-ação crítica contribuiu para um caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os interlocutores das aulas/conteúdos ministrados passaram a ter a oportunidade de refletir sobre nossa construção histórica identitária e entender, por exemplo, o porquê do apassivamento do sujeito diante do contexto de uma realidade cruel e esmagadora. Sem contar que tal metodologia nos aproximou muito do que Adorno (2010, p. 15) propôs como uma solução possível para a crise da semiformação, ao verificar que uma ação mais próxima seria “uma política cultural socialmente reflexiva”.

Assim, pensamos que foi possível alcançar o objetivo proposto pelo projeto, que era o de promover o letramento literário e digital aliado à ampliação do capital cultural desses participantes e seguir o método da pesquisa-ação crítica, que contribuiu para a formação docente dos envolvidos e os tirou da zona de conforto, ao trazer uma prática docente que foge um pouco do que a maioria dos Projetos político pedagógicos de curso propõem e os fazer analisar obras que já foram exaustivamente analisadas e resenhadas, mas que sempre podem oferecer novos olhares. Sem esquecer de mencionar que o conhecimento e as práticas pedagógicas, além de se voltarem para métodos mais reflexivos, não podem ignorar o contexto e a construção histórica de nosso país. Por isso a ideia de oferecermos como prática efetiva de letramento literário e digital a “Oficina de produção do Zine”, pois nossos discentes poderiam pensar na elaboração de sua própria obra como um produto de transformação da realidade e contribuir para a formação docente, além de assumir o duplo papel de leitor e autor.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. Teoria Crítica e inconformismo: Novas perspectivas de ensino. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010. Cap. 1, p. 6-40.

AZEVEDO, Alúcio. **O cortiço**. São Paulo: CERED, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP N° 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 jun. 2020. Acesso em 19/01/2021.

BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm). Acesso em 18/09/2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. De cortiço a cortiço. In: O discurso e a cidade. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. **Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

FONSECA, Rubem. **O buraco na parede**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PEREIRA, Daniela Reischak. **Fanzine na aula de literatura:** uma proposta pedagógica de incentivo à leitura e produção textual. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pampa: Bagé, RS, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: CLACSO, CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES*, 2005, Buenos Aires. Anais [...]. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em 15/12/2020.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1975.

ROSA, Maria Eneida Matos da. A representação da violência de gênero na obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. *In: Linguística e literatura: intersecções e transversões*. VEDOIN, Gilson (Org.). V.2. Ms, Life editora: Campo Grande, MS, 2019.

\_\_\_\_\_. Oficina de leitura: a tecnologia como aliada no letramento literário na escola. **Revista Eixo**: Brasília-DF, v. 10, n. 1, janeiro-abril de 2021. Disponível em <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/808/550>.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOUZA, Jessé. As classes sociais e o mistério da desigualdade brasileira. Fundação Perseu Abramo e Fundação Friedrich Ebert (org.) *In: Classes? Que Classes?* Ciclo de Debates sobre Classes Sociais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. Site: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10597.pdf>. Acesso em 08/02/2020.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e escrita:** Letramento na Cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. *In: Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em 20/06/2020.

Sites:

**Chá de autoestima**. Disponível em: <https://chadeautoestima.com/fanzine-o-que-e-e-como-surgiu-essa-imprensa-alternativa/> Acesso em 24/01/2021.

VITORIA, Maria. **O que é um zine e porque você deve ficar de olho nele?** Disponível em: <https://aestranhamente.com/>. Acesso em 24/01/2021.

Submetido em: julho de 2021

Aprovado em: novembro de 2021